



Coletivo Gráfica Utópica. *O circo dos sonhos*,
vídeo, 2008.

Mil trilhas

Guilherme Bueno

Resenha da exposição *Rumos Itaú Cultural Artes Visuais* – Trilhas do Desejo vista por um dos assistentes curatoriais. O texto comenta o projeto Rumos e, diante das obras apresentadas, discute aspectos da nova cena artística brasileira.

Arte contemporânea brasileira, Rumos Itaú Cultural, Arte brasileira – década de 2000.

O autor da resenha já antecipa aos leitores: aqui não há lugar para a imparcialidade. Tendo vivenciado de dentro o processo do *Rumos Itaú Cultural Artes Visuais* na sua edição 2008 / 2009, nada mais insólito (e, nesse caso, convenhamos, hipócrita) do que encenar um distanciamento.

Uma apresentação institucional é útil: o programa *Rumos*, que contempla diferentes áreas, teve sua primeira edição voltada para as artes visuais em 1999. De lá até completar dez anos, contou com as versões de 2001 e 2005. Superficialmente ele é visto apenas em um de seus desdobramentos – um conjunto de exposições cujo objetivo é apresentar um panorama da arte brasileira emergente. Olhando mais detidamente, ele envolve o apoio a uma nova reflexão crítica, difusão e construção de pensamento (através de palestras e *workshops* em todo o país), interlocução entre artistas e profissionais de diferentes regiões. Sua pretensão não está em traçar perfis definitivos do que acontece na arte brasileira agora, mas de colocar convicções à prova, apostar em determinadas produções, enfim, perceber um estado de questões promissor de um novo cenário da arte brasileira. Conforme seu curador geral, Paulo Sergio Duarte, afirmou, dada a quantidade e qualidade dos trabalhos vistos, inúmeras soluções poderiam se apresentar, bastaria que outra pessoa estivesse em seu papel.

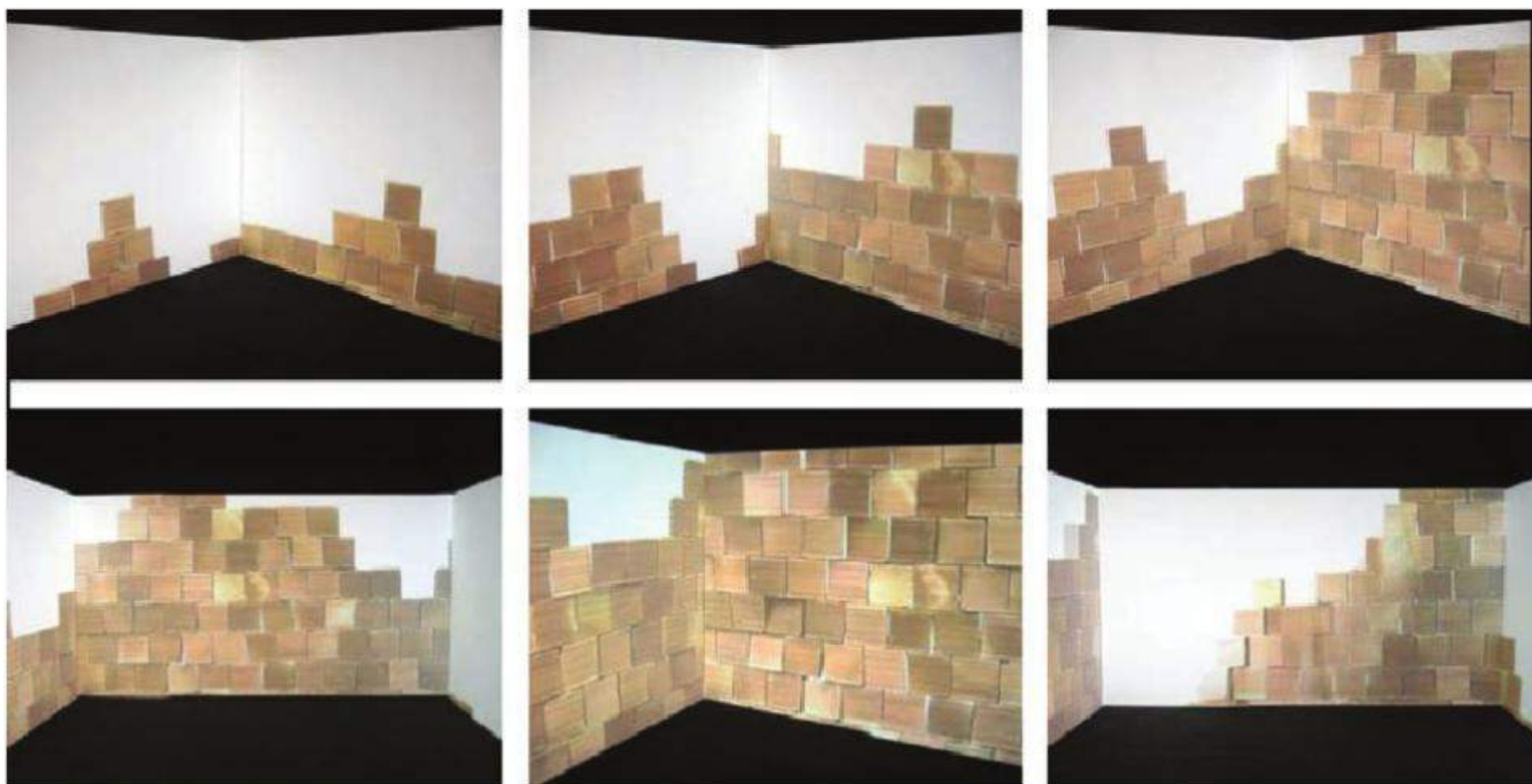
Creio haver uma particularidade nesta última edição, que pôde ser vista no início de 2009 em São Paulo, no final do ano no Rio (Paço Imperial) e no decorrer do mesmo em recortes específicos em outras capitais: em se tratando de um projeto já consolidado, ele, contudo, não conviveu com uma *questão predominante*. Não tomemos isto como uma declaração de que antes vivenciássemos uma circunstância fechada; ao contrário, o panorama desenhado em 2009 foi em parte consequência de um repertório de discussões que permearam os primeiros dez anos do atual século e precisamente do seu estado de heterogeneidade (ou, se quisermos, mesmo de imprecisão), e assinala a hipótese de a arte brasileira assumir criticamente nos últimos quarenta anos uma postura que recusa olhares reducionistas.

Quem acompanhou os últimos dez, quinze anos recentes da arte brasileira viu esfacelar-se o cansativo discurso geracional que pressupunha que de tempos em tempos depararíamos com uma *centralidade* apta a dizer de modo quase irrefutável *o que seria* a arte brasileira naquela hora. Até hoje historiadores e críticos de arte pagam o preço daquela ansiedade, quando confrontados com produções “desviantes” de uma “regra”, que, ao invés de invalidar obras então reconhecidas, nos obrigam a pensar a partir de outros ângulos. O perfil dos trabalhos vistos no *Rumos* de 2009 corresponde justamente a um caleidoscópio de muitos e muitos ângulos. Vale acrescentar: ele não pode ser visto isolado, mas em conjunto com outros eventos, como *Nova Arte Nova*, os *Projéteis de Arte Contemporânea* da Funarte, as mostras anuais do Centro Cultural São Paulo, os SPAs promovidos pela Fundação Joaquim Nabuco e outros tantos projetos que nos indagam sobre o que chamamos de arte brasileira contemporânea. E, admitamos, apenas tais exemplos fazem ver que estamos diante de algo bem mais truncado do que se apresenta à primeira vista.

No caso do *Rumos*, para nos concentrarmos nele, as exposições são resultado de três etapas. A primeira corresponde ao mapeamento propriamente dito, no qual uma equipe de oito curadores assistentes cobre todos os estados brasileiros visitando ateliês e conversando com artistas (além de divulgar e estimular sua inscrição no programa). Simultaneamente, os curadores (um principal e quatro adjuntos) realizam palestras em diferentes cidades sobre questões relativas à arte contemporânea no Brasil e no mundo. Uma vez cumprida essa etapa, todos se reúnem para discutir os portfólios enviados e deles fazer uma pré-seleção, posteriormente concluída pelos curadores geral e adjuntos. Definidos os artistas, todos novamente se encontram para pensar sobre possíveis recortes curatoriais e traçar as linhas de uma série de *workshops* a serem promovidos em locais por onde não haverá itinerância das mostras. Só então começam as mostras.

A todos cabe igualmente redigir textos, seja relatando a experiência do mapeamento, seja apresentando o recorte das exposições de menor porte ou ainda fazendo uma análise geral do que foi visto. Há um exercício fundamental nestas tarefas: empreender a reflexão em torno de uma produção que, mais do que não se encontrar cristalizada, investiga modalidades teóricas capazes de falar desse território a ser explorado – sobretudo considerando-se a inviabilidade de nos situarmos na posição ingênua de acreditar que visitamos uma terra incógnita. O desafio reside em não recair na mera aplicação de esquemas analíticos consagrados. Uma aventura modesta – mas não simplista – do pensamento.

De parte a parte surge a hipótese de uma reciprocidade: para além do trabalho em conjunto, no qual hierarquias não significam barreiras, pareceu-me estimulante o fato de novos artistas e novos críticos dialogarem entre si – dito de outro modo, o fomento de um outro circuito de trocas e o amadurecimento simultâneo e cúmplice. Não vejamos isto como uma reunião de escoteiros ou da turma do colégio, mas do compromisso de ambos os lados de encontrar pontos de contato e tensão capazes de se alimentar e lançar um quadro original de discussões. Por conta disso, inclusive,



Ana Holck. *Contra-muro*. videoinstalação, 2009.

acho curiosa certa frustração expressa por alguns críticos que alegaram uma “falta de...”, seja nesta mostra ou mesmo em suas similares. O que significaria esta “falta de...” senão a impossibilidade de se encontrar ali um desfile de aproximações e clichês requentados, correspondentes ao que se *prescreveria* ser uma “produção jovem”, termo este não menos reducionista. Ou seja, tratava-se de uma exposição que tanto nasceu a partir da experiência concreta do encontro (a curadoria jamais pretendeu dispor de um tema de antemão) quanto optou por instigar a todos – visitantes, artistas, críticos – sobre os caminhos ali presentes, ao invés de ditar ideias castradoras, que, de um modo ou outro, pela sua facilidade de serem estereotipadas, são mais palatáveis. Preferiu-se partilhar a responsabilidade com o espectador: cada um decidir por suas escolhas frente à arte de hoje. O *Rumos* não quis ser fácil, nem intransponível; apenas rigoroso em promover um debate consequente. Convém observar nele a presença da pintura, escultura, de instalações, performances, gravura, cinema e outras linguagens que poderíamos, em muitos casos, chamar de “terciárias”, por serem um segundo cruzamento de linguagens híbridas e a perda de segmentação entre aquilo outrora convencionalizado como polaridades (precário e sofisticado; *low tech*, *high tech*; ou da fórmula, em vias de desgaste e caducidade, do “glocal”). O próprio nome do programa, com seu oportuno plural embutido (*rumos*), indica a decisão de perscrutar caminhos a serem cartografados, para os quais o sabido e o inusitado estão em pé de igualdade. No Brasil, desfazer expectativas pré-concebidas é a melhor estratégia contra a concessão ao autoexotismo, ao autoempacotamento que, disfarçado, emula passivo exigências duvidosas. Por tais razões é que a “falta de...” deve antes ser vista sinceramente como “profusão de...” – repito, no lugar de espelhar uma fórmula, nos compele a pensar.

No Brasil, como no mundo, discutir o panorama contemporâneo é algo difícil. Nem vem ao caso perder tempo com conservadores de última hora (ou melhor, *de todas as horas*) que não passam de oportunistas que encontraram nas invectivas contra a arte contemporânea um afago financeiro da classe média. O ponto de interrogação incide em denominar os parâmetros que a arte atual toma para si, ciente de lidar com um terreno já historicizado como o da arte contemporânea, que conta mesmo com obras hoje clássicas, canônicas. A “ausência de critérios” espelha antes o fim de uma era e agora nos cabe falar de um arte não mais regida pela noção de paradigma. Trata-se de uma história depois do “fim da história”, de uma arte, se me permitem a metáfora, “transgênica”. Quando se insiste em pensá-la ainda segundo mecanismos discursivos tradicionais, vê-se nela apenas maneirismo (uma das críticas, aliás, feitas a alguns dos artistas presentes no *Rumos* e em outras mostras supracitadas). Desconfio que nem mesmo uma história Ctrl+C, Ctrl+V rastreie eficazmente o terreno em que pisamos. Se ele é firme ou um lodaçal, depende de nossa inteligência saber percorrê-lo. Nem a fórmula da “falta de...”, nem a do “excesso de...” fazem senão rodopiar qual um cão faminto em torno de um pedaço de carne. Não há risco em querer pegá-lo; precisa haver astúcia em entender a circunscrição e coragem para se “apoderar” dela. Ao mesmo tempo em que repetimos a dúvida socrática – só sei que nada sei... –, sabemos muito bem de que mundo estamos falando. E que depois das experiências dos anos 1960 e 1970 não vivemos mais coagidos a reinventar o conceito impermeável de Arte (com A maiúsculo), mas de levar a sua experiência diária à exaustão, a ponto de ela sempre transpor outros e outros limites.

Para quem chegou a este último parágrafo, foi evidente a ausência de nomes dos artistas e seus trabalhos. Não valeria a pena repetir o que está dito com maior consistência no catálogo (distribuído, aliás, em bibliotecas por todo o país). 72 trilhas abertas por 45 artistas. Tomemos este texto mais como um espaço complementar ao que se pôde testemunhar ao vivo e agora no livro e, invertendo o título da mostra, vejamo-lo como um norte para o atual trabalho da crítica: desejo de trilhas.

Guilherme Bueno (Museu de Arte Contemporânea, Niterói, Brasil) é crítico e historiador de arte, doutor em Artes Visuais pelo PPGAV-UFRJ. Diretor do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, professor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e editor-chefe da revista *DasArtes*. / gbueno_br@yahoo.com.br